

FALÁCIAS E IRONIAS: AS VÁRIAS FACES DOS DISCURSOS NA HISTÓRIA RECENTE DE RORAIMA

Paulo Sérgio Rodrigues da Silva

Especialista em História Regional/UFRR. Professor na Fundação Universidade Virtual de Roraima/UNIVIRR. E-mail: psergio04@gmail.com

Francisco Marcos Mendes Nogueira

Graduando em História/UFRR e é Bolsista do PIBID/CAPES/UFRR.
E-mail: marcos.cfb@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar como os discursos falaciosos e irônicos se inserem na História de Roraima, do final do século XX e início do século XXI, como mecanismos da linguagem capazes de manipular a opinião e criar falsas representações, que passam como verdadeiras no imaginário das pessoas. Expressão como “índios e brancos sempre viveram harmoniosamente em Roraima” fazem parte das ditas histórias oficiais. Tais discursos oficiosos escondem interesses ideológicos com a finalidade de fazer valer a representação dos grupos de poder, como anunciou o filósofo alemão Karl Marx no livro *Ideologia Alemã*. Torna-se necessário, então, ao historiador na análise dos discursos fazer uma interface com outras áreas do saber, com o intuito de buscar compreender a mensagem, que muitas vezes está contida nas entrelinhas dos textos. Deste modo, o historiador se propõe analisar os acontecimentos da História Política Cultural, sob o prisma interdisciplinar, aproximando-se da Análise do Discurso e, assim, ampliar as análises documentais para além das ideologias.

PALAVRAS-CHAVE:

Ironias. Falácias. Discursos. Ideologias

ABSTRACT

This article intends to show how fallacious and ironic speeches have been inserted in the history of Roraima since the end of the XX century to the early XXI century as language mechanisms able to manipulate the opinion and create false representations that turn out to be truth in the people's imaginary. Expressions like “indigenous and white people get together in harmony in Roraima” are part of the official histories. Such official discourses hide ideological interests in order to enforce the representation of the dominant groups, as announced by the German philosopher Karl

Marx in his book "German Ideology". It is necessary to the historian to make an analyse of the speeches dialoguing with the interfaces of other disciplines taking the understanding of the true message as a main goal because sometimes it is hided between the lines. This way historians that put themselves to analyze the happenings of the Political and Cultural History by an interdisciplinary perspective, approach in the analysis of the discourses and then expand far beyond the ideologies.

KEYWORDS

Ironies. Fallacies. Speeches. Ideologies

INTRODUÇÃO

Nova História, que tem seu marco com Escola dos Annales (1929), foi um movimento que combatia a história tradicional e tinha como pretensão uma nova espécie de história, capaz de abranger todas as atividades humanas. Segundo Castro (1997, p.45) “a referência ao movimento dos Annales se faz necessária por ter-se tornado o marco, real e simbólico, de constituição de uma nova história”. Fato este, que trouxe à tona a história problema, a ampliação das possibilidades interpretativas das fontes, novos métodos, novas abordagens e a aproximação da história com as demais ciências humanas. Com isso, a história passa a não mais estar centrada apenas nos heróis, nas datas, nas figuras ilustres, mas numa História construída a partir das bases, do diferente, dos excluídos, dos que estão à margem dos processos históricos, colocando em evidências os que, outrora, foram denominados os *anônimos da História*, não importando sua condição socioeconômica ou cultural.

Ademais, o historiador nesta nova perspectiva não trabalha apenas com o passado, todavia, o passado e o presente são tomados como dinamismo epistemológico, isto é, tempos para compreensão e conhecimentos dos fatos que se entrecruzam e se misturam nos períodos. Pois, é com os pés fincados no presente que o historiador volta seu olhar para o passado. O historiador Cardoso (1997) diz que a história é uma iluminação do presente que permite ao historiador, como uma pessoa contextualizada no seu tempo, compreender melhor as lutas de hoje. Assim, o conhecimento do presente é condição *sine qua non* para o entendimento dos outros períodos da história. No entanto, acrescenta Cardoso (1997, p. 9) “A convicção de que a consciência que os homens de determinada época têm da sociedade em que vivem não coincide com a realidade social da época em questão”. Porém, ressalta ao historiador que a pesquisa histórica deve vincular-se com as preocupações do presente, isto é, a partir das inquietudes do presente, o historiador deve voltar-se para o passado, a fim de buscar compreendê-lo.

Falácias e Ironias?

Feitas as observações iniciais para justificar uma leitura dos discursos irônicos e falaciosos na História recente de Roraima, há uma necessidade de esclarecer algumas questões conceituais como fundamento que sustente as argumentações levantadas ao longo do texto.

Para entender as ironias e as falácias é necessário trazer alguns sentidos dos discursos. Primeiramente é interessante situar o homem como também um “ser da fala”. Para Sgarbi (s/d, p. 01):

O homem faz uso da linguagem para agir, para se comunicar, trocar conhecimentos e experiências e interagir socialmente, além do que a linguagem é o lugar de conflitos e confrontos. Desse modo, uma vez que há esses usos ele os concretiza por meio da língua, instrumento fundamental para que possa ser efetivada a necessária interação homem-sociedade, e, nessa interação, o discurso se constitui como uma prática lingüística comunicativa, a qual, por sua vez, é estudada teoricamente pela Análise do Discurso (AD) que busca analisar as construções ideológicas presentes em discursos plurissemióticos.

Assim, considera Sgarbi que os discursos são práticas sociais veiculadas sob várias perspectivas da comunicação e que tende a constituir a construção social. Nesse sentido é interessante analisar o contexto histórico no qual os discursos são inseridos, pois estes refletem uma visão de mundo de quem os profere, não podendo ser pegos como inócuos ou como uma “verdade absoluta”.

Michel Foucault (1926 a 1984), filósofo francês, também contribuiu com a fundamentação filosófica do discurso. No livro *A Ordem do Discurso*, Foucault faz várias abordagens sobre a constituição dos discursos, mostrando os sistemas de exclusão que atingem os discursos, a disciplina como princípio de controle do discurso e o mais interesse nessa abordagem temática sobre as falácias o discurso como desejo e poder (1996).

Para Barros (2005) a historiografia do século XX, ao deixar florescer uma nova História Política, redefinida a partir de seus objetos e suas fontes, abre caminhos para uma promissora interface, que é o diálogo ente História Política e a História do Discurso. Pode-se dizer assim: essa novidade na nova historiografia possibilitará uma análise inovadora dos discursos expressos nos textos. Segundo Barros:

O conteúdo de um texto, cedo aprende o historiador, não pode se resumir à superfície de sua mensagem. Existem os entreditos, os interditos, os não-ditos, o vocabulário revelador. Se texto é falso, ou se ele mente, tanto melhor, pois o historiador poderá perguntar: “por que mentes?”. E o historiador político poderá aprofundar ainda mais esta pergunta, e indagar “que poderes se exercem através da tua mentira? (2005, p. 135).

Desse modo, a Historiografia do Discurso, entendida como a historiografia que analisa os discursos inscritos nas fontes textuais para compreender a sociedade que os produzem, tem empregado várias abordagens de estudo e também geradas muitos posicionamentos teóricos e metodológicos (BARROS, 2005).

As mensagens textuais nem sempre são diretas, é preciso buscar compreender e interpretar as mensagens contidas nas entrelinhas dos textos, pois, por meio da compreensão, podemos perceber a intencionalidades contidas na mensagem. Orlandi diz que:

A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato. Em uma situação “x” Maria diz que Antonio vai ao cinema. João pergunta como ela sabe e ela responde: “Ele disse isso”. Interpretando: “ele” é Antonio e “o que” ele disse é que vai ao cinema. No entanto, a compreensão é muito mais do que isso. Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc.) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem. Por exemplo, nas palavras de Maria, pode-se compreender que ela não quer ir, ou que Antonio é quem decide tudo, ou que ele está indo em outro lugar etc. (2005, p.26).

Então, qual é o pressuposto metodológico para analisar um texto?

Segundo Cardoso e Vainfas (1997, p.377) “um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente”. Cabe ao historiador ter acuidade nas análises e tratamentos das fontes, visto que elas podem ser tomados como instrumentos belíssimos de análises e compreensão de uma época, de uma sociedade ou das relações de poder que se estabelecem. Pode-se ainda, através dos estudos e das análises, perceber as intencionalidades explícitas ou não, contidas nos discursos, pois o discurso é, na verdade, a materialidade de uma ideologia dominante.

E por ideologia pode-se tomar como um conjunto de ideais ou ainda, como acentua Silva e Silva (2006:205) “as ideologias são formas de se entender o mundo e de se posicionar nele”. Contudo, os discursos ideológicos podem ser absorvidos e tomados como verdades a fim de beneficiar os grupos dominantes.

Portanto, torna-se necessário, então, ao historiador na análise dos discursos fazer uma interface com outras áreas do saber, com o intuito de buscar compreender a mensagem, que muitas vezes está contida nas entrelinhas dos textos. Deste modo, na interpretação de Silva (2006) ao historiador, por exemplo, quando se propõe a analisar os acontecimentos da História Política Cultural, sob o prisma interdisciplinar, aproxima-se da Análise do Discurso e assim amplia as análises documentais. Acrescenta, ainda, Silva (2006, p. 02) “Na abordagem da História Política Cultural, essa aproximação se mostra particularmente importante, dado que lidamos constantemente com as práticas discursivas e não discursivas entrelaçadas pelo jogo político”.

É conveniente analisar os discursos políticos como propõe Foucault, pois sugere ao historiador que deve buscar:

[...] a percepção das relações de poder nos lugares menos previsíveis, menos formalizados, menos anunciados. Este método genealógico, que busca o poder em todos os pontos da sociedade e não mais nos lugares congelados pelo aparato estatal, vai ao encontro, também, das abordagens que exigirão do historiador que este desenvolva uma meticulosidade, que passe a cultivar os detalhes, o acidental, aquilo que aparentemente é insignificante, mas que pode, precisamente, compor com outros elementos a chave para a compreensão das relações sociais examinadas (BARROS, 2005, p. 136).

Buscando um diálogo interdisciplinar da História não somente com a Linguística, mas também com a filosofia da linguagem e especificamente o campo da Lógica Informal, para entender o que são falácias faz-se necessário “viajar” até a Grécia antiga no século IV a.C. que na efervescência da formação das “polis”, como princípio da primeira experiência grega de democracia do mundo antigo, surgiu um movimento denominado de sofista, formado por homens que tinham boas línguas, e que tinham como dever, - ensinar a retórica aos jovens para que estes tivessem “sucesso”, primeiramente, na política e em segundo lugar no campo forense, tendo como arma a retórica como forma de persuasão (GUTHRIE, 1995). Algo muito semelhante aos dias atuais, principalmente no campo político, em que a retórica discursiva é uma arte para que alguns imponham suas ideologias e fazem valer os argumentos falaciosos na mente e nos corações de muitas pessoas.

Foi no cenário da antiguidade grega que surgiu Aristóteles (384 a.C. a 322 a.C.) com a visão da desconstrução dos argumentos sofísticos partindo da compreensão de que os argumentos dos sofistas são capciosos, são como simulacro da verdade, que aparentam ser genuínos, mas, no entanto são falsos (ARISTÓTELES, 1983). Hoje muitos historiadores da Filosofia fazem outras leituras dos sofistas, de forma muito mais generosa em relação a Aristóteles, porém isso não entrará nessa discussão.

Agora, é preciso definir mais claramente o conceito atual de falácias. O campo em que está situada a falácia é na argumentação, que nada mais é do que um conjunto de proposições, que podem ter características persuasivas. Para o lógico Walton (2006), “Certos tipos característicos de falhas ou erros de argumentação são tradicionalmente classificados sob a denominação de *falácias informais*, que são estratégias de argumentação sistematicamente enganosas, baseadas num erro básico e sistemático do diálogo racional” (p. 22).

Os diálogos falaciosos estiveram e estão presentes em toda prática discursiva da história política, como discursos que tendem a algum interesse ou finalidade. Não são discursos que apresentam erros de raciocínios de modo inocente, mas que tendem a um convencimento de quem escuta para adesão ao discurso de quem pronuncia. Assim, pode-se entender que os discursos falaciosos instauraram-se no horizonte ideológico das classes que detém os meios de produção para justificar suas visões de mundo e interesses (MARX; ENGELS, 1998).

Discursos e poder na história de Roraima

Roraima é marcado por uma “riqueza” de discursos políticos em sua trajetória histórica. Os discursos são de várias naturezas, mas a análise destes ocorreu sob a ótica dos grupos de pressão e grupos de interesse (SANTOS, 2004). Conforme já foram anunciados anteriormente, os discursos, para ganhar sentido na interpretação, precisam ser contextualizados em seus momentos históricos. Qualquer discurso solto perde a sua significância.

O recorte temporal na História recente de Roraima situa-se a partir dos anos de 2008 e 2009, tendo como pano de fundo a questão entorno da Raposa Serra do Sol. Nesse período, em continuação à lógica dos grupos de pressão e de interesse, vários são os grupos políticos que fortalecem suas estratégias discursivas visando a alguns interesses. Discurso e interesse de determinados grupos caminham lado a lado.

Para melhor entendimento desses grupos, tomou-se como base Santos (2004, p. 174), quando diz:

Bastante articulado em Brasília, Jucá é autor de inúmeros projetos de lei em favor da exploração de minérios nas áreas indígenas. Um terceiro grupo é o do ex-governador Neudo Campos (1995-2002), uma dissidência do grupo Ottomar, de quem foi secretário no segundo governo deste (1991-1995). Todos os líderes desses grupos são e têm ligações com empresários, de Roraima e de fora, e defendem o discurso do desenvolvimento, além de se posicionarem contra a demarcação e homologação das terras indígenas em áreas contínuas, o centro da questão fundiária, o problema local maior na virada do século”.

Santos (2004) lembra que essa correlação entre discurso e interesse no pensamento político das lideranças de Roraima se fez notar na proposta de revisão da legislação federal que regulamenta a exploração dos recursos minerais nas terras indígenas. Conforme o autor, todos os grupos políticos têm ligação com empresários.

Os grupos de pressão buscam interesses apenas do pequeno grupo. Quando mobilizados ganham até proteção do Estado, que passa ser o porta voz dos interesses dos grupos políticos. Foi assim com relação à demarcação da Área Raposa Serra do Sol em que o discurso oficial apontava para a inviabilidade econômica com a área definitivamente homologada.

Outro aspecto desses discursos que tem como pano de fundo desmerecer a demarcação, pode-se encontrar nas charges, nos periódicos ligados os grupos políticos locais.



Fonte: Folha de Boa Vista, 6 de dezembro de 2008

O termo charge é proveniente do francês “charger” (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, cujo efeito é conseguido por meio do riso ao transmitir uma mensagem, que se caracteriza por ser um texto visual.

Para tanto, “a história é sempre uma construção do presente, e que as fontes, sejam elas quais foram, também” (PAIVA, 2002:20), ou seja, é a partir deste jogo de interesse que os discursos falaciosos e irônicos contra os indígenas, em especial contra a área contínua da Raposa Serra do Sol tomou corpo e voz. Pois, como salienta Paiva (2002:26) “O imaginário não é, como se poderia pensar, um mundo à parte da realidade histórica, uma espécie de nuvens carregadas de imagens e representação que pairam sobre nossas cabeças, mas que fazem parte de nosso mundo e de nossas vidas”.

Ademais, “os discursos não é fruto de opiniões e visões particulares, mas uma partícula do imaginário dominante que abarca do indivíduo” (SILVA e SILVA, 2006:101). Ainda se referindo sobre a questão da Raposa Serra do Sol, várias foram as charges veiculadas pelos Jornais e, que são absorvidas como discursos generalizados.

Aqui, são apontadas três charges publicadas no Jornal Folha de Boa Vista, entre 2008 e 2009, quando houve grades discussões entorno do julgamento no Supremo Tribunal Federal – STF sobre a demarcação em área contínua da Raposa Serra do Sol. A opção pelo Jornal Folha de Boa Vista, justifica-se por ser o periódico de maior circulação no Estado, de modo especial, na Capital Boa Vista.

Como se pode perceber através da charge, a demarcação em área contínua da Raposa Serra do Sol constituiu-se num discurso que apregoava a inviabilização da economia do estado, tendo como pano de fundo a desculpa da impossibilidade no cultivo por parte dos rizicultores. Esse discurso acaba sendo introjetado e toma corpo no discurso do senso comum como a “verdade” do atraso econômico do estado.

Contudo, pode-se questionar se esta não foi sempre a prática corriqueira por parte da elite local? Como se pode perceber, sempre houve a necessidade em buscar um “bode expiatório”, a fim de justificar o atraso e a estagnação econômica e social vivenciada no estado roraimense, que, sem alternativas viáveis, tem como base de uma economia o contracheque e práticas políticas clientelistas.

Corroborando no entendimento desta prática exercida pela elite local, Santos (1996:14) diz:

Na área do clientelismo, os políticos de Roraima, na expectativa de ganhos pessoais, procurando conquistar e manter o poder, ali-

ciam votos prestando assistência a todo tipo de clientela. Desde os despossuídos de recursos econômicos, ansiosos por qualquer benefícios (...).

É, portanto, graças a esses jogos de interesses que tomam corpo e defensores nas camadas mais simples da população, pois como alerta Silva e Silva (2006:101) "todo discurso possui uma ideologia, e é a língua que permite aos indivíduos compreenderem e assimilarem tal ideologia".



Fonte: Folha de Boa Vista, 15 de agosto de 2008

E a concretude desta ideologia, da elite local, pode ser facilmente visualizada através da charge acima. Nela, a figura do índio é passiva e de fácil manipulação, em especial pelas ONG's. Portanto, discurso induz e faz ressoar no discurso do senso comum a necessidade dos índios serem "tutelados" e "protegidos", pois na condição de passividade, eles não têm as condições objetivas e nem as subjetivas de tomarem as decisões e muito menos a de serem os protagonistas da sua própria história.

Outro exemplo deste discurso anti-indigenista é apresentado na mídia local, quando apresentam os índios com o desejo de criarem um Estado independente, através do apoio de governos estrangeiros e ONG's. Deste modo, "os índios teriam autonomia administrativa, política e judiciária". Para isso, "o CIR (Conselho Indígena de Roraima) defenderiam abertamente a ampliação e a demarcação de outras terras indígenas", formando assim, "um cinturão de reservas indígenas".



Fonte: Folha de Boa Vista, 16 de maio de 2009

Ademais, o discurso reproduzido pela elite local, induz ainda, numa tentativa por parte do CIR na criação de uma nação independente. Portanto, tais discursos reforçam o preconceito existente contra os indígenas de Roraima. Conforme assinala Vieira (2007, p.205), o preconceito quanto aos povos indígenas é muito forte em Roraima “O índio é um estorvo para o progresso do Estado. O índio é um preguiçoso e não produz: Para quê dar terras aos índios?”.

Para Vieira, os grupos de interesse não querem reconhecer o direito dos índios e suas terras e sustentam que as populações indígenas são um forte obstáculo para a possibilidade de um estado competitivo a partir das bases indígenas. No sentido de entender melhor os discursos em torno da Área Raposa Serra do Sol vale destacar um trecho do Senador de Roraima, Augusto Botelho, também ligado a um dos grupos políticos de interesse à demarcação da área Raposa Serra do Sol de forma contínua significa “[...] um desastroso evento para os habitantes em geral. Certamente, a estabilidade das relações sociais ficarão seriamente comprometidas, como de fato ficou com um mero anúncio da homologação” (BOTELHO, 2007, p. 170).

Muitos outros discursos da classe política circularam na mídia local sempre com uma mensagem, que tinha por objetivo desqualificar e desmerecer a legitimidade da homologação: “O Estado de Roraima ainda está em choque com a decisão do STF e, distante da realidade, os ministros e todos que participaram deste processo duvidoso, não poderão sentir o lamento da sociedade roraimense frente

ao descaso com mais uma injustiça no Estado’, enfatizou Édio Lopes (PMDB-RR)” (Folha de Boa Vista, 27/03/09).

Esses discursos recorrentes, segundo Vieira (2007), estão no cotidiano dos cidadãos que assimilaram e assimilam a ideologia dos grupos detentores do poder ou daqueles que almejam sentar no poder. Outra forma de legitimação destes discursos pode ser apontada através das tentativas dos “intelectuais” da região que, negam o lugar e a condição do índio como protagonista da história local. Ademais, menciona-se aqui, como esses discursos vão sendo incorporados, tomando corpo e sendo reproduzidos pela população local. Veja-se o que foi veiculado pela Web Folha, no dia 09 de dezembro de 2008, com o seguinte título *População acredita que decisão vai manter área contínua*:

O picolezeiro Mariano de Souza, por exemplo, afirma que a decisão dos ministros do STF vai favorecer apenas aos índios, “pois vão decidir pela área contínua”. “A preocupação agora é saber como os índios vão cuidar de tanta terra. É necessário fazer algo muito bem feito pelo Governo para evitar o abandono das terras ou até uma invasão de estrangeiros”

Já para o pedreiro Enilson Alves se os “nossos políticos tivessem se unido antes para evitar a saída de produtores do Estado, que depois de perder aquelas terras não vão mais querer investir em Roraima”.

Ao passo que o comerciante Acrísio Bezerra afirma que “a essa altura não é mais possível se pensar em reverter o quadro que se instalou em Roraima sobre esse assunto “O que aconteceu foi uma falta de nacionalidade, de patriotismo e de responsabilidade com o futuro do nosso país. A decisão será pela área contínua até porque existem interesses particulares para que essa área fique com quem não tem dirigentes, como índios, e assim os estrangeiros possam se instalar e explorar da forma que quiserem nossas riquezas”, disse Bezerra.

Como se pode perceber, nos diversos discursos ora apresentados, existem múltiplas relações do que a elite defende pelos discursos falaciosos e irônicos, com o que é reproduzido pelas camadas mais simples da população. E isso, ocorre graças a uma rede de comunicação estabelecida que é capaz de apresentar e alimentar o índio como um entrave para o progresso e o desenvolvimento econômico do estado. Contudo, o que fica claro é o jogo de interesse, pois “o discurso é essa conjugação necessária da língua com a história, produzindo a impressão de realidade” (FREIRE, 2006:17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos discursos, que também podem ser falaciosos, somente ganha sentido quando contextualizado em seu momento histórico, pois assim, o historiador pode perceber os vários os discursos e os jogos de interesses dos grupos de poder e suas influências.

Barros (2005) diz que, ao analisar um discurso em toda a sua complexidade, muitos elementos teóricos estão envolvidos até o que pode ser denominado de técnicas, pois, a finalidade é enxergar a sociedade através dos discursos e os modos como ela se apodera deles.

Nesse artigo, ao ser analisados como os discursos políticos na história recente de Roraima são permeados de contradições, percebeu-se que, em alguns momentos, a utilização frequente na oratória de falácias ironias, também estão presentes em materiais impressos como os jornais, nas charges, livros, artigos e outros. No entanto, não se tratam de falácias que contêm apenas erros de estruturação de raciocínio, mas que têm uma intencionalidade. Tais intencionalidades presentes nos discursos políticos, geralmente, estão associadas a interesses de grupos políticos que procuram fazer prevalecer suas ideologias.

As situações empíricas mostram o oposto dos discursos, como se pode perceber: “Roraima hoje é a terra das falácias, do engodo e da enganação, tudo se resolve no plano dos discursos, dos filminhos institucionais e dos outdoors. [...] o Estado está uma beleza, as estradas são verdadeiros tapetes, são quilômetros e mais quilômetros de estradas vicinais, BR e RRs asfaltadas (MULINARI, 2010).

A dissimulação retórica está associada à imagem do “bom político”, que diz fazer tudo pelo Estado de Roraima. Contudo, não é uma exclusividade do meio político, mas é presente em várias classes sociais que procuram dominar ideologicamente as opiniões das pessoas. Para exemplificar, como caso emblemático, a situação da área Raposa Serra do Sol, mostrou várias faces discursivas da elite contrárias à homologação, que, se utilizando de sofismas conseguiram mobilizar a opinião das pessoas não-indígenas contra a homologação em área única e até a criação de imagens preconceituosas em relação aos indígenas.

Por fim, não se teve pretensão de esgotar o assunto, ora ensaiado, mas ao contrário provocar novas reflexões e novos estudos, pois ao logo do processo histórico de Roraima, e porque não dizer deste os idos, do que outrora fora chamado de Bacia do Rio Branco, que as elites, detentoras do poder, utilizam-se de tais discursos falaciosos e irônicos, a fim de tirarem proveitos e de se manterem no poder.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Dos argumentos sofisticos** [tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim] 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)
- BARROS, J. D'Assunção. História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface. **Saeculo – Revista de História**, João Pessoa, jan./jun 2005. Disponível em: www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum12_art09_barros.pdf. Acesso em: 13 maio 2009.
- BOTELHO, A. B. **Atuação Parlamentar 2003/2006**. Brasília: Senado Federal, 2007
- CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Paradigmas Rivalis. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASTRO, Hebe. História Social. In. **Domínios da História**. (Org's) Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. 15ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, pp. 45-59.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. [tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio] 14 ed. São Paulo: Loyola, 1996 (Leituras Filosóficas)
- FOLHA DE BOA VISTA. Boa Vista: Editora Folha de Boa Vista, 2005
- FOLHA DE BOA VISTA. Boa Vista: Editora Folha de Boa Vista, 2004
- FOLHA DE BOA VISTA. Boa Vista: Editora Folha de Boa Vista, 2009
- FREIRE, Sérgio Augusto. **Conhecendo análise de discurso: linguagem, sociedade e ideologia**. Manaus/AM: Editora Valer, 2006.
- GUTHRIE, W.K.C. **Os Sofistas** [tradução João Rezende Costa]. São Paulo: Paulus, 1995 (Filosofia).
- KOSSOY, Boris. In: Bragança, Aníbal; Moreira, Sonia Virgínia (org.) **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo, Intercom, 2005.
- LIEBEL, Vinícius. **Humor gráfico – apontamentos sobre a análise das charges na História**. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/textos/VIN%C3%84DCIUS%20AUR%C3%89LIO%20LIEBEL.pdf>. Acesso em: 9 de junho de 2007.
- LIMA, Maria Goretti Leite de. **O Índio na Mídia Impressa em Roraima**. 2001. 160 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos).

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. **Políticas Públicas, Economia e Poder. O Estado de Roraima entre 1970 e 2000**. 2004, 270f Tese (Doutorado em História) – Desenvolvimento sustentável do Trópico úmido (PDTU). Núcleo de altos estudos da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

SILVA, P.S.R. **A violência contra os povos indígenas no foco do Jornal Folha de Boa Vista-RR - período de 1996 a 2005**. 2007, 109 f., Monografia - Universidade Federal de Roraima, Departamento de História, Boa Vista, 2007.

SILVA, Giselda Brito. **Reflexões metodológicas sobre o uso da Análise do Discurso nos estudos da História Política Cultural**. SBPH, 2006. Disponível em: sbph.org/reuniao/26/trabalhos/Giselda%20Brito%20Silva.pdf. Acesso em: 14 maio 2009

MAGALHÃES, Dorval de. **Roraima: informações históricas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Dorval de Magalhães, 1986.

MARCO. E na Raposa Serra do Sol. **Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 03 e 04 de julho de 2004. Caderno Opinião, p. 02.

MIRANDA, Alcir Gursen de (Coord.) **Área Indígena Raposa/Serra do Sol: Visão Regional**. Boa Vista, GTE/RR, 2004.

MULINARI, S. Descaramento. **Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 17 de maio de 2010. Caderno Opinião, p. 02

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. 6ª ed. São Paulo: Pontes, 2005.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2002.

SGARBI, Nara Maria Fiel de Quevedo. **A análise do discurso e os discursos institucionalizados**. Disponível em: http://www.filologia.org.br/iisinefil/textos_completos/a_analise_do_discurso_e_os_discursos_nara.pdf. Acesso em: 15 maio 2009.

SANTOS, Roberto Ramos. Roraima: do pára-quedismo político ao clientelismo. In: **Textos e Debates**. n.5, 1996.

SILVA, Kalina Vanderlei.; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionários de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUZA, Olga Moreira. **A charge como manifestação ideológica (2007)** Disponível em: aurea500.blogspot.com/2007/09/pesquisa-sobre-os-gneros-discursivos_3944.html. Acesso em: 10 de maio de 2007.

VIEIRA, J. G. Missionários, Fazendeiros e Índios em Roraima: a disputa pela terra – 1777 a 1980. Boa Vista: Editora UFRR, 2007.